



Martins, Maria Julia Stella. **Do leito à lente. Poética das imagens do corpo.** São Carlos: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); Mestrado; Márcia Hernandez Strazzacappa. Performer e Pesquisadora.

Resumo

Neste trabalho apresento os processos envolvidos na elaboração da performance Antúrio, que sintetiza as pesquisas e trabalhos que venho desenvolvendo. Para a elaboração desta performance, busco na corporeidade do Butoh recursos para ocupar cenicamente o curso do rio Gregório, que corta o centro da cidade de São Carlos, estado de São Paulo. O rio é compreendido como fluxo, movimento, passagem e transformação, um agenciador de metáforas. A performance se desenvolve em duas etapas. No primeiro momento, é feita a ocupação do curso do rio. Aqui são coletados materiais e imagens. São utilizadas duas câmeras: uma câmera externa que funciona como uma “lente de aumento”, capturando detalhes do corpo da performer e do espaço; e uma outra câmera que acoplada às costas da performer passa a funcionar como “terceiro olho”, uma extensão da visão e da memória. As imagens e os materiais coletados comporão um espetáculo, segunda etapa do processo. O texto apresenta reflexões sobre o processo de criação desta performance. Com estas reflexões pretendo contribuir para as discussões acerca do corpo nas artes cênicas contemporâneas, tecendo possíveis relações entre corpo, espaço e imagem digital.

Palavras - chave: corpo, Butoh, espaço, arte cênicas e imagem digital.

Abstract

This paper present the processes related to development of performance Antúrio, which summarizes the research and work I have been developing. To produce this performance, I seek to the embodiment of Butoh the resources to occupy scenically Gregório river, which bisects the city center of São Carlos, São Paulo state. The river is understood as flow, movement, passage and transformation, an agent of metaphors. The performance occur in two steps. At first, it made the occupation of the river course. Here, materials and images are collected. The performance uses two cameras: an external camera that works like a “magnifying glass”, capturing details of the performer's body and the space, and another camera attached to the back of the performer begins to function as "third eye", an extension of the vision and memory. The images and materials collected make up a performance, the second step of the process. The paper presents some reflections on creative process of performance. With these reflections I intend to contribute to discussions about the body in contemporary scenic arts, considering relations among body, space and digital image.

Key - words: body, Butoh, space, scenic art and digital image.

Antúrio: vestígios do corpo-rio.

Venho trabalhando na performance Antúrio desde de 2010, o centro deste trabalho é a ideia de transformação-metamorfose. A cada aparição pública a performance se transforma fazendo emergir novas potências expressivas que se coadunam com o espaço-tempo presentes. Assim, também, se tornam presentes as metamorfoses corporais, fluxo de movimento que deixa entrever vários seres. Antúrio é uma flor que não se sabe folha, não se sabe macho ou fêmea, é um entre, qualquer coisa que se transforma para se tornar perceptível para os olhos-mosaicos dos insetos. Assim, a força que a imagem engendra vale mais do que a verdadeira função de suas partes para o árduo exercício de continuar existindo, dispersar partículas-potências de vida, por ai a fora. Assim vejo a o exercício da performance, um devir que arrasta presente e passado para uma linha do vir a ser potencialmente contaminante que me faz divergir de mim mesma e me torna possível a negociação com a vida.

Encontrei no Butoh inspiração para o desenvolvimento do trabalho corporal e filosófico; buscando desenvolver um estado de *corpo morto*. O *corpo morto*, segundo a acepção utilizado pelo Butoh, é um estado em que o corpo abre mão de seus sentidos e significados cotidianos e passa a presentificar seu estado de ser vivo, para além do especificamente humano, mas, ser vivo com seus fluxos de consciência, inconsciência e movimento, suas densidades. Hijikata, um dos fundadores do Butoh juntamente com Kazuo Ohno, dançava sua escuridão, sua dor, propunha uma dança de metamorfoses. Dançava as transformações do ciclo de vida-morte-vida, em que não há narrativas ou coreografias, o que se da à ver é o corpo em constante metamorfose, o corpo em estado de potência criativa plena. O *corpo morto* é um corpo sem controle cerebral, é um corpo que passa a trabalhar por leis particulares e se distingue das convenções técnicas. Vida e morte permanecem atados em continuo movimento. A morte não é vista como um ponto final, mas sim, a continuidade do movimento em constante transformação. O Butoh foi identificado como dança das sombras ou dança das trevas (FRALEIGH, NAKAMURA, 2006; GREINER, 1998). Aqui, a dança passa a ser entendida como o reflexo da vida interior, passa a comunicar aspectos da vida que não estão aparentes usualmente.

Como base para o meu trabalho corporal fui buscar no Yoga e no Butoh elementos e experiências que possibilitassem o mergulho na imensidão interna do corpo. Acredito que, a partir deste contato profundo com o corpo seja possível produzir um estado de percepção e sensibilidade aguçadas gerando uma escuta profunda do corpo e do espaço. Um estado de abertura para o desconhecido que habita o corpo e os espaços, neste estado, a fronteira que separa corpo e espaço vai se tornando gradativamente mais tênue, porosa, fluída ao ponto de propor novas modulações e composições que se distinguem dos padrões cotidianos e convencionais de habitar o corpo e o espaço. Um estado de experimentação e descoberta que faz entrever possibilidades de ação e movimento não antes imaginadas e que se tornam visíveis na efemeridade do instante.

O objetivo desta proposta é permitir que, ao mesmo tempo em que se toma consciência da finitude corporal e existencial, expande-se a potência

perceptiva e deixa-se penetrar por uma diversidade infinita de fluxos que metamorfoseiam (GIL, 1997) o corpo-ser, alterando as percepções e as reações. Produzindo um estado corporal capaz de cartografar os estados do ser, os “estados corporais” e possíveis relações com o meio no qual está inserido. O ato de criar pode ser entendido, deste modo, como a organização de cartografias sensíveis que possibilitam estabilizar internamente eventos que se diferenciam em relação as experiências passadas e se abrem para experiências futuras.

Assim, se estabelece um processo de singularização e expressão em que o artista passa a combinar elementos adquiridos em sua trajetória de vida com elementos que transcendem suas experiências e se abrem para as experiências coletivas e os reorganiza a fim de estabelecer diversos padrões expressivos, estabelecendo linhas de tensão entre o que se dá a ver no instante da *performance* e os nexos de ligação entre o passado e o futuro.

A escolha pela ocupação do curso do rio Gregório relaciona-se com estas proposições. Este rio corta a cidade em que nasci e me criei, uma de suas nascentes está no sítio onde cresci e moro atualmente. Vejo seu curso diariamente, acompanho as transformações pelas quais passa em seu trajeto. O rio Gregório é o rio que corre pela minha aldeia...Neste momento, recorro à poesia de Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa:

“O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia, Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia. Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia, Para aqueles que vêm em tudo o que lá não está, A memória das naus. O Tejo desce de Espanha. E o Tejo entra no mar em Portugal. Toda a gente sabe isso. Mas poucos sabem qual o rio da minha aldeia. E para onde ele vai. E de onde ele vem. E por isso, porque pertence a menos gente, É mais livre e maior o rio da minha aldeia. Pelo Tejo vai-se para o Mundo. Para além do Tejo há a América E a fortuna daqueles que a encontram. Ninguém nunca pensou no que há para além Do rio da minha aldeia. O rio da minha aldeia não faz pensar em nada. Quem está ao pé dele está só ao pé dele.”

O rio Gregório é como tantos outros rios que correm em tantas outras aldeias e que se transformam pela ação humana na constante relação com o meio. O rio, nesta proposta, é visto como um agenciador de metáforas acerca das transformações, dos fluxos e dos movimentos do corpo-rio-vida. É pela ação do corpo que inquirimos o espaço, questionando e descobrindo inúmeros outros espaços que permanecem adormecidos, esperando para serem inventados, criados, revelados, ressignificados. O espaço deixa de ser entendido como um dado concreto para ser uma experiência poética, um campo de tensão, de convergências de forças que entrecruzam corpo, território, memórias, sons, estímulos sensoriais. (MASSEY, 2009). A ocupação performática, neste sentido, conjuga poesia e política, arrastando para fora da zona de conforto os conceitos, os pré conceitos, tornando vívida a arte, uma experiência existencial-relacional. Entendo a *Performance* como uma linguagem de interface que transita entre limites disciplinares, como apontou COHEN (2002):

“ Uma linha de frente, uma arte de fronteira, que amplia os limites do que pode ser classificado como expressão cênica, ao mesmo tempo em que, no seu movimento constante de experimentação e pesquisa de linguagem, funciona como um espaço de rediscussão e releitura dos conceitos

estruturais da cena (forma de atuação, forma de transpor o objeto para a representação, relação com o espectador, uso de recursos, uso da relação tempo-espaço etc.)". (COHEN, 2002.P.116).

Desafio.

O desafio posto, consiste em ocupar a partir da ação performática o curso do Rio Gregório, localizado na cidade de São Carlos, interior de São Paulo. Os pontos selecionados para a ocupação, buscam compor e apresentar os diversos estados e as diversas ações que o rio sofre ao longo do seu curso, desde a nascente, à entrada na cidade em que ainda corre à céu aberto, os pontos em que foi pavimentado, até o ponto em que foi completamente canalizado, tornando-se invisível aos olhos dos passantes.

Durante as ocupações são capturas imagens por meio do uso de duas câmeras. Uma câmera externa e uma câmera acoplada ao corpo da *performer*. A acoplagem da câmera ao corpo produz um novo órgão corporal, combinando visão e memória, é um "terceiro olho" que registra a passagem do corpo pelo espaço. A segunda câmera que capta as imagens da ação de ocupação do curso do rio, tem a função de limitar o olhar, como um microscópio que nos faz enxergar aquilo que não é visível à olho nu, revelando as "zonas de contágio" (GUATTARI, 1992) criadas pela ação da ocupação. Lembrando a poesia de Arnaldo Antunes, "bactéria no meio é cultura", da canção Cultura, do disco NOME, de 1993. Assim, buscar-se-á compor fragmentos de memórias em suporte digital que entrecruze espacialidades e corporeidades diversas que se dão à ver em uma condição específica, a ação performática. Buscando compor poeticamente relações entre corpo, espaço, imagem e memória. A composição das imagens capturadas e editadas serão utilizadas na criação de um espetáculo. O espetáculo será o final do processo de ocupação que fará convergir todos os outros espaços e corpos experimentados para um espaço-tempo pontual, o mergulho mais profundo do corpo-rio, imagens e movimentos que, juntos, irão compor uma "nau delirante" à disposição dos espectadores para que embarquem na travessia do que atravessa seus corpos.

Primeiras ocupações-experimentações.

Até o momento, foram feitas duas ocupações nas margens da nascente do rio. Estas foram as primeiras experiências de improvisação com o espaço e de captura e edição de imagens. Estas experiências suscitaram diversas reflexões acerca do trabalho e seu desenvolvimento. Neste momento, destaco duas delas que me parecem mais relevantes para pensar os desdobramentos da pesquisa acadêmica e do trabalho artístico, vistos não como instâncias separadas, mas, sim como instâncias que guardam especificidades de análise e crítica.

A primeira delas se trata de um percurso de criação gerado a partir da ocupação. O processo de aproximação e conexão com o espaço, o corpo em estado de estranhamento, evidenciaram que há uma inversão de forças no

processo de improvisação. Diferentemente do que a ação de dançar no espaço, como imaginado anteriormente, a experiência me fez perceber que, ao contrário, é o espaço que dança o corpo. A partir dos inúmeros estímulos sensoriais, sons, cheiros, texturas, seres, vento...o corpo vai sendo conduzido à uma dança que ele próprio desconhece. Não sou eu quem dança no espaço, mas é o espaço que dança meu corpo, como um cavalheiro que conduz a dama pelo salão. Aguçar a sensibilidade, ter arrepios na coluna, o coração disparado e a entrega a este parceiro desconhecido.

A segunda reflexão relaciona-se com a apropriação de aparatos tecnológicos cotidianos como, por exemplo, câmeras de celular. Ao acoplar um celular às minhas costas, utilizei a câmera para capturar e registrar a passagem do corpo pelo espaço, o movimento dançado. Entendo que, o celular possa ser visto como um órgão de nosso corpo, um dispositivo de memória e comunicação. Neste sentido, me interessa pensar seus usos e suas potencialidades criativas, atuando diretamente na modulação do tecido sócio-cultural. Somos ciborgues, não existimos sem as máquinas. Existimos para elas existirem, inventando-as, produzindo-as, nos relacionando diretamente com elas. Não há separação entre corpo e máquina, assim como, não há separação entre, corpo e mente. Isso porque, não se tratam de coisas, mas sim, de fluxos de coisas, de movimento de partículas na velocidade da luz. Resta-nos refletir quais apropriações e usos, quais relações queremos estabelecer com os “órgãos sem corpo”, com os aparatos disponíveis que modificam nossas potencialidades corporais.

Acredito que o corpo seja a expressão da mais alta tecnologia. O corpo é a máquina do tempo. O corpo, que agrega passado e futuro no instante presente. O corpo que é ancestral, atual, planetário, embrião de devires futuros, partícula, onda e luz, MOVIMENTO.

Referência Bibliográfica:

- COHEN, R. **Performance como linguagem**. São Paulo Perspectiva. 1998.
- FRALEIGH, S., NAKAMURA, T. **Hijikata Tatsumi and Ohno Kazuo**. New York: Routledge, 2006.
- GIL, J. **Metamorfoses do Corpo**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1997.
- GUATTARI, F. **Caosmose: um novo Paradigma Estético**. Rio de Janeiro. Editora 34, 1992.
- GREINER, C. **Butô: pensamento em evolução**. São Paulo: Escrituras editora, 1998.
- MASSEY, D. B., **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

